

O estágio no curso de licenciatura em Educação Física sob a ótica das questões de gênero

The internship in the undergraduate degree in Physical Education from the point of view of gender issues

La etapa en el curso de la licenciatura en educación física desde la perspectiva de las cuestiones de género

Ana Lúcia Cardoso ¹

Taina Pereira ²

Resumo: Neste estudo investigamos o tema das relações de gênero no estágio obrigatório do curso de licenciatura em educação física. Essa temática foi ganhando destaque durante experiências nos estágios obrigatórios. Nesse sentido o estudo objetivou compreender se a questão de gênero caracterizou-se como obstáculo no desenvolvimento das aulas de Educação Física em uma perspectiva crítica no estágio curricular obrigatório. Para responder a problemática optamos em desenvolver uma pesquisa de campo, propondo um questionário aos acadêmicos da oitava fase do curso de Educação Física licenciatura da Universidade do Extremo Sul Catarinense – UNESC. Concluímos que a questão de gênero foi obstáculo nas atuações nos estágios, havendo necessidade de discussões com maior ênfase nas disciplinas curriculares durante a formação inicial do professor de Educação Física sobre gênero.

Palavras chaves: Gênero. Educação Física. Estágio. Formação inicial.

Abstract: In this study we intend to investigate the issue of gender relations in the compulsory stage of the undergraduate course in physical education. This theme gained prominence during experiments in the obligatory stages. In this sense, the study aimed to understand if the gender issue was characterized as an obstacle in the development of Physical Education classes in a critical perspective in the compulsory curricular stage. To answer the problem we chose to develop a field research, proposing a questionnaire to the academics of the eighth phase of the Physical Education undergraduate course at the University of Extremadura Sur Catarinense - UNESC. We conclude that the gender issue was an obstacle in performance in the stages, and there is a need for discussions with greater emphasis in the curricular subjects during the initial formation of the Physical Education teacher about gender.

Keywords: Gender. PE. Internship. Initial formation.

Resumen: En este estudio investigamos el tema de las relaciones de género en la etapa obligatoria del curso de licenciatura en educación física. Este tema ha ido ganando importancia durante los experimentos en las etapas obligatorias. En este sentido, el estudio tuvo como objetivo comprender la cuestión de género se caracteriza por ser un obstáculo en el desarrollo de las clases de educación física en una perspectiva crítica en las prácticas obligatorias. Para responder al problema decidimos desarrollar una investigación de campo, proponiendo un cuestionario a los estudiantes de la octava etapa del curso de grado de Educación Física de la Universidade do Extremo Sul Catarinense - UNESC. Llegamos a la conclusión de que la cuestión de género es un obstáculo en el proceso en etapas, que requieren

¹ Universidade do extremo sul catarinense – UNESC. Criciúma, SC, Brasil. Email: anc@unesc.net.

² Universidade do extremo sul catarinense – UNESC. Criciúma, SC, Brasil. Email: tainapereira003@hotmail.com.

discusiones con mayor énfasis en las materias del currículo durante la formación inicial de los profesores de Educación Física en el género.

Palabras clave: género. Educación Física. Etapa. La formación inicial.

1 INTRODUÇÃO

A centralidade deste estudo se pauta na temática de gênero imbricada no desenvolvimento do estágio obrigatório na formação de professores em Educação Física. O tema gênero tornou-se relevante ao me deparar com as dificuldades e os desafios vivenciados ao longo dos estágios. O mesmo foi ganhando destaque ao longo da vivência no estágio e quando colegas compartilhavam os momentos, anseios e desafios encontrados, sobretudo nos seminários de socialização das experiências de estágio. Partindo desse cenário, várias questões e indagações surgiram no sentido de investigar e compreender em que medida gênero enquanto categoria social é um elemento a ser considerado nas aulas de Educação Física, ao longo dos estágios de atuação docente.

Acreditamos que esse tema se desdobra em relevante problemática de pesquisa, por tratar-se de uma questão contemporânea perpassando diversos espaços de socialização, como a igreja, a política a escola e conseqüentemente a prática pedagógica do professor. Entendendo gênero enquanto construção social e ao pensar na escola um espaço/tempo de formação humana se faz necessário compreender a mesma como lócus de problematização da igualdade de chances, a desconstrução da relação de dominação e a quebra de preconceitos. (SARAIVA, 2005).

Nesse sentido, o ponto de partida deste estudo decorre em investigarmos em que medida a questão de gênero caracterizou-se como obstáculo no desenvolvimento das aulas de Educação Física em uma perspectiva crítica no estágio curricular obrigatório?

Em decorrência desta problemática de pesquisa objetivamos refletir acerca das bases teórico-pedagógicas que subsidiam a questão de gênero; Apontar quais as perspectivas teórico-pedagógicas de atuação no estágio curricular do curso de licenciatura em Educação Física da UNESC; Investigar se as questões de gênero são compreendidas e foram tratadas na prática pedagógica da Educação Física durante os estágios obrigatórios.

Perseguindo os objetivos traçados optamos em desenvolver uma pesquisa de campo, com acadêmicos matriculados, na oitava fase do semestre 2016/2, na disciplina de estágio IV, aprovados nos estágios I, II e III do curso de Educação Física licenciatura da Universidade do Extremo Sul Catarinense – UNESC. A pesquisa de campo como explicita Neto (2000, p.51) “[...] se apresenta como uma possibilidade de conseguirmos não só uma

aproximação com aquilo que desejamos conhecer e estudar, mas também de criar um conhecimento, partindo da realidade presente no campo”. Como instrumento de pesquisa elaboramos um questionário, que foi apresentado durante uma aula do curso previamente acordada com o professor responsável. Estão matriculados nesta turma vinte e dois acadêmicos, no entanto no dia que a pesquisa foi desenvolvida estavam presentes dezoito acadêmicos que aceitaram participar da pesquisa, ou seja, 90% do total de alunos matriculados.

Apoiados nas decisões teórico-metodológicas explicitadas, nos concentramos em apresentar os dados da pesquisa articulados a necessária análise e reflexão qualitativa com a intenção de mobilizarmos elementos que possam indicar caminhos para qualificar o campo profissional da educação física a luz do estágio e das questões de gênero.

2 CONHECENDO O CAMPO: SUJEITOS E CENÁRIOS DA PESQUISA

O curso de licenciatura em Educação Física da Unesc, cenário onde aconteceu este estudo, definiu em seu projeto pedagógico a opção por uma educação progressista/crítica, que significa justamente as críticas que foram sendo feitas ao longo dos tempos, sobre a função social da escola, enquanto educação, e da educação física em específico, como elementos constituintes de uma sociedade capitalista marcada pelas diferenças. Nesse sentido a educação física absorveu uma ideia de transformação, assim a década de 1980 foi marcada por essa onda, se constituindo uma corrente chamada de crítica e progressista. (BRACH, 1999). Sobretudo é definido ao longo dos estágios obrigatórios, conforme o Projeto pedagógico do Curso (PPC, 2014) tendências pedagógicas específicas da Educação Física: crítico superadora que trata-se de uma pedagogia emergente, que busca responder a determinados interesses de classe, através da cultura corporal. (COLETIVO DE AUTORES, 1992). E crítico-emancipatória, que pressupõe que a educação é sempre um processo de desenvolvimento comunicativo, nesse caso tem-se o ensino do movimento humano principalmente dos esportes. (KUNZ, 2004).

Pautando-se por uma abordagem teórico-pedagógica que aponta a desigualdade social gerada pelo capitalismo como ponto central de inquietação. “Neste contexto, percebe-se a importância da Educação para a mudança da sociedade visto que a partir do conhecimento, torna-se possível construir um mundo mais humano e justo para todos.” (BRACH, 1999, p. 32). Apontando nesse sentido para uma formação articulada a

problematização das desigualdades, entre elas nossa preocupação está centrada nas desigualdades de gênero.

O projeto pedagógico deve se materializar no saber e fazer cotidiano de todos os atores envolvidos permitindo que este documento se torne concreto e se expresse na formação profissional e humana do professor/a de Educação Física que se pretende formar.

Veiga (2002) destaca que o objetivo do PPP é dar um rumo e uma direção, tem um sentido explícito e deve ser construído coletivamente. Assim todo projeto pedagógico está ligado a um projeto político, pois está articulado a um compromisso sociopolítico com os interesses reais da população majoritária. Ou seja, compromisso com a formação de um cidadão para um tipo de sociedade. Na dimensão pedagógica reside a possibilidade da efetivação da intencionalidade da escola, que é a formação do cidadão participativo, responsável, compromissado, crítico e criativo.

Os sujeitos deste estudo foram os/as acadêmicos/as que estão cursando a última fase do curso de Educação Física licenciatura, destacamos que este grupo é formado por pessoas que encontram-se na fase de vida da juventude e que além do ensino de graduação envolvem-se com diversas atividades no campo da extensão, pesquisa, estágio não obrigatório e iniciação a docência. Entre os dezoito acadêmicos (as) participantes deste estudo constatamos que a idade média se configura entre 21 a 24 anos sendo onze do sexo masculino e sete feminino. Os mesmos em sua maioria (dezesseis) participaram ao longo do curso de atividade de pesquisa, extensão ou iniciação a docência (programa institucional de bolsa de iniciação docência - PIBID) e estágio não obrigatório. Destacamos que doze acadêmicos participaram do programa PIBID e dez nos estágios não-obrigatórios. Ainda foi possível verificar que nove dos dezoito pesquisados envolveram-se em mais de uma atividade. Demonstrando assim a vivência de uma diversidade de experiências formativas.

3 GÊNERO: APROXIMAÇÕES E DISTANCIAMENTOS NA FORMAÇÃO

Nas práticas sociais, nas suas relações nas diversas instituições evidenciam-se diversas formas de compreender o mundo, ser humano e a sociedade. Na construção desta diversidade de perspectivas estão imbricadas o posicionamento em relação à questão de gênero (como também, raça, etnia e classe). Nesse sentido, os vários espaços sociais e culturais são cruzados pelo gênero, onde se produzem e se transformam a partir dessa relação. (LOURO, 2003).

Investigar a concepção de gênero presente no ideário dos acadêmicos do curso de formação de professores de Educação Física, participantes deste estudo, foi necessário para compreendermos a atuação docente nos estágios. Percebemos a partir dos dados pesquisados que predomina um entendimento de gênero articulado a um viés social. Pois para alguns acadêmicos gênero “é entendido como aquilo que diferencia socialmente as pessoas, ou seja identifica e diferencia os homens e as mulheres”. Ou então que gênero é “nomenclatura criada pela sociedade a fim de diferenciar homens e mulheres (masculino e feminino)”.

No entanto ressaltamos que ainda está presente na percepção de alguns acadêmicos uma certa imprecisão na definição de gênero, isso pode ser ilustrado no entendimento de que: “gênero vai além do masculino e do feminino não se restringindo apenas ao que é imposto pela sociedade”.

Indicando nesse sentido a necessidade de aprofundamento e uma discussão mais sólida acerca do entendimento de gênero.

A formação inicial precisa ser percebida como espaço formado por pessoas embebidas por um extrato social. Portanto na formação inicial de professores de Educação Física o termo gênero deve ser tematizado, problematizando a escola, enquanto campo profissional e local onde ocorre o estágio, concebido como espaço profissional e social (re) produtora das questões de gênero.

Para compreender o conceito de gênero, é necessário estabelecer a diferença entre o mesmo e sexo. O gênero é um fator social, enquanto o sexo um fator biológico. (LOURO, 2001).

O uso do conceito gênero rejeita justificativas biológicas que denomina formas de subordinação entre homens e mulheres. Scott (1989, p. 7) esclarece que “O uso do “gênero” coloca a ênfase sobre todo um sistema de relações que pode incluir o sexo, mas que não é diretamente determinado pelo sexo nem determina diretamente a sexualidade.”

Para Louro (2003, p. 20-21)

O argumento de que homens e mulheres são biologicamente distintos e que a relação entre ambos decorre dessa distinção, que é complementar e na qual cada um deve desempenhar um papel determinado secularmente, acaba por ter o caráter de argumento final, irrecorrível. Seja no âmbito do censo comum, seja revestido por uma linguagem “científica”, a distinção biológica, ou melhor, a distinção sexual, serve para compreender – e justificar- a desigualdade social.

A autora defende gênero como constituinte da identidade dos sujeitos. Modificando a ideia do mero desempenho de papéis posto pela sociedade, percebendo o

gênero fazendo parte do sujeito que se constrói durante toda a vida a partir do seu contexto social.

Reafirmamos que “É, então, no âmbito da cultura e da história que se definem as identidades sociais (todas elas e não apenas as identidades sexuais e de gênero, mas também as identidades de raça, de nacionalidade, de classe, etc)” (LOURO, 2001, p. 12).

Compreendemos então que as identidades sociais se constroem através de dado momento histórico e a partir de um contexto cultural particular.

4 GÊNERO: PRESENÇA OU AUSÊNCIA NAS DISCIPLINAS CURRICULARES

A presença ou ausência da discussão de gênero ao longo das disciplinas que constituem o currículo de formação de professores em Educação Física é central para uma responsável atuação docente no estágio e no campo profissional.

A partir disso, as disciplinas cursadas durante a graduação no curso de Educação Física – licenciatura foram definidas como um dos elementos para refletirmos sobre a formação inicial docente balizadas aos preceitos críticos e a problematização das questões de gênero.

O projeto pedagógico do curso (PPC, 2014) Educação Física – licenciatura na matriz curricular de nº10, as disciplinas são dispostas em áreas de **conhecimento gerais e fundamentos teóricos, conhecimentos biológicos para atividades física/movimento humano, conhecimentos técnicos-pedagógicos do esporte, conhecimentos da cultura do movimento humano e conhecimentos referente à parte pedagógica.**

Dessa forma, coloca-se em questão se as disciplinas abordaram as propostas críticas utilizadas nos estágios obrigatórios.

Destacamos que dezessete pesquisados (94,4%) apontam que houve disciplinas que abordaram durante a graduação as propostas críticas, e que na maioria das respostas as disciplinas que são destaques foram: Metodologia do ensino da Educação Física; Didática; Metodologia de Ensino na Perspectiva Crítico Superadora; as disciplinas de Estágios; Educação Física e infância; Avaliação na Educação Física; Metodologia dos esportes diversos; Educação Física e políticas públicas; metodologia da dança e das atividades rítmicas e ainda Metodologia do basquetebol.

Percebe-se que a maioria das disciplinas explicitadas, constitui a área de conhecimentos referente ao núcleo pedagógico, ou seja, precisamos avançar essa discussão para as outras cinco áreas de conhecimento presente no currículo de formação de professores

de Educação Física. Temos no currículo um total de quarenta e seis disciplinas distribuídas nas áreas de conhecimentos de acordo com o PPC de 2014, desse modo vimos que apenas onze (23,9%) disciplinas abordaram as propostas críticas.

E se tratando da discussão da temática gênero ao longo das disciplinas, além de disciplinas da área pedagógica, avançamos para área de conhecimentos técnicos-pedagógicos do esporte e a área de conhecimentos da cultura do movimento humano. (PPC, 2014).

Entre as disciplinas explicitadas por dezessete (94,4%) dos sujeitos da pesquisa, foram: Metodologia do basquetebol, Metodologia da ginástica, Metodologia da dança e atividades rítmicas; Educação Física na infância; As disciplinas de estágios; Avaliação na Educação Física; Metodologia do ensino da Educação Física; Metodologia dos esportes diversos; Jogos, brincadeiras e brinquedos; Recreação e Lazer; Metodologia do futebol e do futsal e Didática.

Nesse sentido podemos relacionar também as quarenta e seis disciplinas existentes, onde doze (26%) apenas tiveram ênfase na temática de gênero. Entretanto tivemos maior distribuição entre as áreas de conhecimento não ficando apenas vinculadas ao núcleo pedagógico.

Nessa esteira destacamos a disciplina de metodologia do basquetebol que foi citada pela ampla maioria dos acadêmicos. Vale ressaltar que o professor que ministrou esta disciplina desenvolveu em sua pesquisa de mestrado a temática de gênero. O que significa que a especialização em determinada área de pesquisa concorre para a seleção dos conteúdos que serão trabalhados na formação inicial.

No entanto evidenciou-se a presença das discussões de gênero em várias disciplinas durante a formação, indicando um avanço, e que vai na direção de oportunizar uma compreensão sobre o conceito de gênero por parte dos acadêmicos.

Nas disciplinas de estágio, a partir da análise dos dados, também foi possível verificar que as aulas ou orientações foram espaço/tempo de discussão das questões de gênero no âmbito escolar.

Sendo que oito (44,4%) pesquisados citaram que discutiram a questão de gênero nas disciplinas de estágios: durante a construção do plano de aula, na explicação das propostas pedagógicas, salientam a discussão no estágio II.

Com isso, é relevante ressaltar o estágio, como cita o regulamento de estágios da unesc, disposto na resolução n. 02/2010/COLEGIADO UNAHCE (colegiado unidade acadêmica de humanidades, ciências e educação).

“[...] deve ser um processo que busca aprofundar conhecimentos e saberes, em consonância com os já adquiridos em todas as disciplinas do curso [...]”. (p.2)

5 GÊNERO E ESTÁGIO: APROXIMAÇÕES E DISTANCIAMENTOS

O estágio evidencia-se como espaço para formação de professores, apresenta-se como oportunidade de vivência a prática pedagógica e possibilidade de defrontar-se com circunstâncias presente no cotidiano escolar.

Nesse sentido Kulcsar (1998) conceitua o estágio supervisionado como fundamental na formação do professor, pois possibilitará a compreender o mundo do trabalho e construir sua consciência política e social, articulando a teoria com a prática.

A relação entre a teoria e a prática é de fato importante no estágio, pois compreende que a teoria norteia a prática e esta é ampliada ou modificada perante a teoria.

Nesse contexto, o estágio tem o papel de promover a *práxis* docente, de trazer pontos de reflexão para um debate sobre o que aconteceu entre o escrito e o vivido na teia dos diferentes interesses que se cruzam no Estágio nas lições ensinadas e aprendidas nos caminhos da formação docente. (LIMA, 2012 p. 160)

Desse modo, a partir da importante relação estabelecida entre a teoria e a prática vivenciada no estágio obrigatório, ainda é possível salientar a experiência do aluno/acadêmico ao se inserir com a realidade concreta da escola, encontrar e conhecer realmente a diversidade existente no espaço escolar.

[...] a lida com a realidade concreta do trabalho, que impõe a diversidade cultural e a problemática da exclusão/inclusão social, parece ser uma tarefa que se coloca a um momento muito rico dessa formação, que é a realização dos estágios curriculares, sejam obrigatórios ou não. (CARVALHO; PINHEIRO e PAULA 2011, p. 10)

Visto a importância do estágio obrigatório na formação inicial, sendo justamente nesse caminho que o projeto pedagógico do curso de Educação Física – licenciatura da unesc (PPC, 2014) apresenta o estágio obrigatório. Apresentando como objetivo geral: “Vivenciar a prática docente possibilitando ao acadêmico a compreensão de sua função social a partir dos pressupostos teóricos e práticos construídos durante o curso.” (Resolução n. 02/2010/COLEGIADO UNAHCE, p. 3). Diante disso, por bases legais o estágio obrigatório se constitui em uma disciplina curricular obrigatória:

Assim sua sistemática se dispõe de acordo com um parecer legal que coloca a realização do estágio no mínimo 400hs, a partir da segunda metade do curso. E ocorre na

seguinte configuração: “5ª fase – Estágio I que corresponde à análise da conjuntura escolar e acompanhamento da gestão escolar”; 6ª fase – Estágio II que corresponde ao planejamento, observação e atuação nas aulas de Educação Física na educação infantil e séries iniciais do ensino fundamental; 7ª fase - Estágio III que corresponde ao planejamento, observação e atuação nas aulas de Educação Física nas séries finais do ensino fundamental e turmas que integrem alunos com deficiência; 8ª fase - Estágio IV que corresponde ao planejamento, observação e atuação nas aulas de Educação Física no ensino médio e co-atuação na educação especial.

Nesse estudo investigamos as questões de gênero na prática pedagógica ao longo da vivência dos estágios de atuação, ou seja, estágio II e estágio III³ procurando analisar em que medida gênero se caracterizou um obstáculo para uma prática pedagógica crítica.

Entre os dezoito sujeitos da pesquisa onze (61,1%) ressaltaram que houve situações relacionadas à questão de gênero durante a atuação docente nos estágios explicitando algumas situações: o conteúdo como fator de conflitos como o futebol, lutas e atletismo; Dificuldades na formação de equipes; Durante a realização do jogo pelo fato de as meninas não receberem a bola e ainda conflito e falta de interação entre meninos e meninas.

Evidenciando a escola como espaço de socialização que se configura pela diversidade e espaço de tensões que refletem a sociedade trazendo à baila as desigualdades, entre elas a de gênero.

Desde seu início a escola produz ações de distinção e desigualdades, ou seja, se encarregou de separar os sujeitos. Assim a escola da sociedade ocidental moderna separa adultos de crianças, católicos de protestantes. “Ela também se fez diferente para os ricos e para os pobres e ela imediatamente separou os meninos das meninas.” (LOURO, 2003, p. 57).

Logo a escola permanece como um espaço decisivo na personalidade de cada sujeito, diante o modelo colocado pela escola isso através de objetos e espaços. Louro (2003, p. 58) exemplifica “O prédio escolar informa a todos/as sua razão de existir suas marcas, seus símbolos e arranjos arquitetônicos “fazem sentido”, institui múltiplos sentidos, constituem distintos sujeitos.”

Os sujeitos ali presentes se modificam perante o cenário da escola, e desse modo “Gestos, movimentos, sentidos são produzidos no espaço escolar e incorporados por meninos e meninas, tornam-se parte de seus corpos.” (LOURO, 2003, p. 61).

³ O estágio IV não se tornou objeto de pesquisa, pois o mesmo não foi finalizado.

Assim, justamente nesse emaranhado de distinções é que se coloca a escola como instituição educacional e que torna-se fonte de experiência inicial na formação docente, através dos estágios obrigatórios.

Nesse sentido, a escola enquanto espaço de educação, de formação humana, é pertinente e imprescindível uma formação profissional de qualidade. Assim é necessário que a teoria seja estudada de forma qualificada para que a prática e a experiência vivida pelo aluno seja de maior sucesso no estágio e como futuro professor, pois estará fundamentado por uma teoria. Kulcsar (1998, p. 64) salienta

Considerando que a escola mudou e que sua realidade exige um quadro teórico de reflexão mais dinâmico, que ela pode ser vista tanto como reprodutora das desigualdades sociais quanto como capaz de modificar essas relações, devemos estudar essas contradições e examinar as condições que poderão facilitar produção de resultados educacionais que favoreçam o atendimento da população escolar.

Em detrimento disso, visto que gênero foi estudado em algumas das disciplinas durante a graduação, os obstáculos que foram apontados pelos pesquisados deveriam ser de alguma forma tratados, já que foi visto que algumas disciplinas subsidiaram essa temática.

Investigando as dificuldades ou facilidades encontradas em relação à temática de gênero durante a atuação docente nos estágios foi possível verificar que os pesquisados enfrentaram diversas situações. Entre elas: *na interação e em fazer meninos e meninas jogarem juntos, pela cultura da sociedade imposta sobre a questão do gênero, na divisão de grupos e formação de times, à falta de conhecimento sobre a temática e abordar essa questão no planejamento.*

O gênero então foi apontado pelos pesquisados como obstáculo na atuação durante os estágios e ainda apresentando algumas dificuldades na prática pedagógica sendo dada maior ênfase aos problemas de interação entre meninos e meninas em aula.

Altmann e Sousa (1999) ressaltam que em aulas de Educação Física, observaram meninas sendo excluídas dos jogos e brincadeiras durante as aulas. Havendo sempre reclamações e conflitos. Para compreender realmente a justificativa desse conflito, basta pensar que o gênero como uma categoria relacional, se articula a outras categorias como, a força, habilidade etc, tornando-se um emaranhado de exclusões vivenciado por meninos e meninas.

Saraiva (2005), ao explicar sobre a força de empoderamento do homem sobre a mulher ressalva o importante papel em que a sociedade capitalista coloca para essa sobrepujança.

Visto que estamos em uma sociedade capitalista, a mesma possui como ponto central o lucro – capital. Nesse sentido tudo se transforma em mercadoria para manutenção de seus interesses, logo desenvolve padrões de rendimento e valores que condicionam o comportamento do sujeito.

“A diferenciação desses padrões de rendimento e as possibilidades de ação segundo os valores adotados (morais, intelectuais e físicos) é que mantém a mulher subalterna ao homem no sistema capitalista.” (SARAIVA, 2005, p.80).

Assim, essas condições são determinantes para o desempenho no esporte e logo na Educação Física.

Sendo assim, esse distanciamento do mundo esportivo entre o masculino e feminino, trás uma dificuldade a prática conjunta de meninos e meninas em aulas de Educação Física.

Altmamm e Souza (1999, p. 62) retratam o que acontece quando muitas vezes meninos e meninas estão em uma prática em conjunto:

Quando, por exemplo, meninos e meninas são vistos juntos, é comum ocorrerem comentários pejorativos ou “gozações” entre outros colegas, como chamando-os de namorados ou questionando sua sexualidade por a atividade ser considerada feminina ou masculina.

A partir dessas constatações, com o objetivo de uma aula de Educação Física em conjunto, conhecendo as causas fundamentais para tal recusa, deve-se através de meios pedagógicos, estratégias que promovam a superação desses obstáculos. (SARAIVA, 2005).

Assim Saraiva (2005) esclarece sobre a aula coeducativa, onde se faz necessário trazer para o campo discussões de estereótipos, a dominação do homem a opressão da mulher, a igualdade no esporte e na Educação Física etc.

Isso significa que a aula de Educação física em separado para meninas e meninos deveria ser evitada, por que somente em conjunto poderão ser buscadas a igualdade de chances, a desconstrução da relação de dominação e a quebra de preconceitos entre os sexos, fatores esses necessários para a construção de relações entre iguais que, julga-se, podem impulsionar a transformação social. (SARAIVA, 2005, 182).

Kugelmann (apud CARDOSO, 2003) ressalta que a realização de aulas com meninas e meninos, a orientação ao rendimento esportivo deve ser superada através de formas cooperativas do ensino e, conjuntamente, meninas e meninos devem aprender com os mesmos direitos, aprendendo em conjunto e com o outro.

Nesse sentido, Saraiva (2005) coloca alguns princípios norteadores para uma aula coeducativa:

1. Um acostumar-se gradativo na prática em conjunto, que evita conflitos constantes que possam sobrecarregar a disposição dos alunos. Isso também implica em estratégias pedagógicas:

a. Evitar modalidades estereotipadas, embora seja uma oportunidade de discussão;

b. Não forçar a formação de grupos heterogêneos, colocando métodos como, por exemplo, a formação de grupos por altura;

c. Situações em que possibilite a ajuda ao outro.

2. Retirar o significado de sobrepujança/rendimento no esporte e explorá-lo como jogo comunicativo risco/aventura.

3. Vivência corporal diante a sensibilização do corpo para o significado diferenciado das ações e para aceitação do próprio corpo em movimento.

4. A conduta do professor se torna importantíssima, pois deve tratar igualmente meninos e meninas. Realizando as mesmas exigências para ambos, porém respeitando a diferença individual dentro dos dois sexos.

5. Os problemas surgidos devem ser enfrentados em conjunto, em um clima agradável. Inclusive o professor pode fazer dos problemas conteúdo da aula, tendo como objetivo a problemática da aula, através do seu planejamento.

O projeto pedagógico do curso indica a opção pelas propostas críticas da Educação Física, sendo que as mesmas são adotadas na vivência do estágio e perspectivam aulas coeducativas.

“Assim, as aulas de Educação Física deveriam ser preferencialmente coeducativas, onde fosse possível desvelar e superar os principais problemas de uma socialização específica para os sexos [...]” (KUNZ, 2004, p. 41)

Na proposta pedagógica crítico-emancipatória se destaca enquanto competência social, onde a mesma deve atuar, no sentido de desvelar diferenças e discriminações que se efetivam através da socialização específica para os sexos e que nessas aulas normalmente são reforçadas pela formação de grupos meninos e meninas. (KUNZ, 2004).

Já na proposta pedagógica crítico superadora tem-se a partir dos conteúdos da cultura corporal possibilidade de tratar aulas coeducativas, como Coletivo de autores, (1992) apresenta como exemplo a ginástica:

No sentido das relações sociais, a ginástica promove a prática das ações em grupo onde, concretize-se a coeducação, entendida como forma particular de elaborar formas de ação comuns para os dois sexos, formando um espaço aberto a colaboração entre eles e para a crítica ao “sexismo” socialmente imposto.

Vimos então que há sim a necessidade dessas propostas estarem articuladas e presentes no currículo da formação docente, pois é através delas que se tem a possibilidade de articular e tratar na prática pedagógica da Educação Física a questão de gênero. Visto que é uma problemática ainda muito pertinente no espaço escolar e explícito em aulas de Educação Física.

É indubitável a contribuição de um currículo crítico em cursos de formação docente. Pois parte de bases filosóficas que se tem como inquietação e preocupação a transformação da sociedade.

6 CONCLUSÃO

A partir das possíveis análises e reflexões extraímos algumas conclusões fundamentais, que esperamos auxiliar para a qualificação da formação inicial de professores de Educação Física referentes à questão de gênero.

Assim, de acordo com o problema da pesquisa e objetivos traçados concluímos que a compreensão de gênero dos pesquisados possui um viés social, entretanto ainda alguns com certa imprecisão na definição do conceito de gênero. Sugerindo a necessidade de uma discussão mais sólida acerca do seu entendimento.

Vimos que as disciplinas que abordaram as propostas críticas utilizadas nos estágios obrigatórios constituem a área de conhecimentos referente ao núcleo pedagógico, ou seja, precisa-se avançar essa discussão para as outras quatro áreas de conhecimento presente no currículo de formação de professores de Educação Física. E ainda apenas onze disciplinas de quarenta e seis abordam as propostas críticas, citadas pelos acadêmicos.

Em relação à discussão da temática de gênero ao longo das disciplinas, além de disciplinas da área pedagógica, avançamos para área de conhecimentos técnicos-pedagógicos do esporte e a área de conhecimentos da cultura do movimento humano. O que torna-se um ponto positivo pois percebe-se que não se limita apenas a área pedagógica, se desvelando nos diversos núcleos de conhecimento possibilitando ao acadêmico um conhecimento sobre gênero ampliado, ou seja, se desenvolvendo nas diversas possibilidades de ensino como por exemplo, em disciplinas de caráter desportivo. É inegável um avanço, mas por outro lado vale

ressaltar que apenas doze das quarenta e seis disciplinas abordam a discussão da temática de gênero.

Ou seja, menos da metade das disciplinas do curso abordam as propostas críticas e a temática de gênero. Assim, nos parece um limite para o entendimento e logo para contribuição nos estágios e formação profissional, indicando a necessidade de ampliação e maior articulação entre as disciplinas da discussão de gênero e das propostas críticas.

Constatamos que para os sujeitos da pesquisa ao longo dos estágios II e III a questão de gênero como obstáculo durante as atuações. Onde foram apontadas várias dificuldades vividas pelos acadêmicos durante a prática pedagógica do estágio. Como por exemplo: na interação e em fazer meninos e meninas jogarem juntos; na divisão de grupos e formação de times, etc.

O que pode ser constatado é a imprescindível importância de um currículo crítico na formação de professores de Educação Física, onde possui ênfase a filosofias críticas da Educação, nesse sentido vimos que a presente instituição possui essas bases filosóficas e metodológicas, ou seja, aborda propostas pedagógicas críticas da Educação Física (crítico-emancipatória e crítico superadora), tendo como ponto central a demasia capitalista.

Em relação ao gênero as propostas sugerem aulas coeducativas, que significa justamente a democratização dos espaços para meninos e meninas. Nesse caso foram apontadas no estudo pelos pesquisados várias das disciplinas que abordam as propostas críticas ao longo da graduação, logo tem como possibilidade subsidiar essa temática já que perante as propostas a questão de gênero é mais uma categoria de desigualdade e sugerem a coeducação como forma de superar a sobrepujança vivida por alunos.

Sugerisse então que amplie ainda mais esse “repertório” para abordagens como a desigualdade de gênero, através das disciplinas, para as cinco áreas de conhecimento, visto que gênero é ainda muito pertinente no anseio das escolas.

Assim irá contribuir para o desenvolvimento das aulas de Educação Física em uma perspectiva crítica no estágio obrigatório. Onde possibilitará maior visão a cerca da diversidade, problemas de desigualdades vividos no espaço escolar, possuindo conhecimento teórico capaz de tratar esse fator social – desigualdade de gênero.

Diante disso, vale resaltar que é indiscutível a importância da superação da desigualdade de classe, onde a sobrepujança está explícita no dia a dia, entretanto na formação inicial de professores de Educação Física tem-se a necessidade de compreender a totalidade que permeia a escola, dentre elas a questão de gênero.

REFERÊNCIAS

- BRACHT, Valter. A constituição das teorias pedagógicas da educação física. **Cadernos Cedes**, ano XIX, nº 48, p. 69-88, Agosto/99.
- CARDOSO, Ana Lúcia. **O futebol da escola: uma proposta co-educativa sob a ótica da pedagogia crítico-emancipatória**. 2003. 124 f. Dissertação (mestrado em educação física). Área de concentração: Teoria e Prática Pedagógica – Universidade federal de Santa Catarina, Florianópolis.
- CARVALHO, Ana Carla Dias; PINHEIRO, Maria do Carmo Morales; PAULA, Maristela Vicente. O Estágio na Formação Docente em Educação Física: problematização inicial. **Cadernos de Formação RBCE**, Florianópolis, v-2, n-2, p. 9-19, jul. 2011.
- COLETIVO DE AUTORES. **Metodologia do Ensino de Educação Física**. 13.ed. São Paulo: Cortez, 1992.
- KULCSAR, Rosa. O estágio supervisionado como atividade integradora. In: Piconez Stela C. Bertholo (org). **A prática de ensino e o estágio supervisionado**. 3.ed. Campinas, SP: Papirus, 1998. p. 63-74.
- KUNZ, Elenor. **Transformação didático-pedagógica do esporte**. 6.ed. Ijuí: Unijui, 2004.
- LIMA, Maria Socorro Lucena. **Estágio e Aprendizagem da profissão docente**. Brasília: Liber Livro, 2012.
- LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. 5.ed. Petrópolis, RJ: vozes, 2003.
- LOURO, Guacira Lopes. Pedagogias da Sexualidade. In: Louro, Guacira Lopes (org). **O Corpo Educado: pedagogia da sexualidade**. 2.ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2001. p. 7-34.
- NETO, Otávio Cruz. O trabalho de campo como descoberta e criação. In: MINAYO, Maria Cecília de Souza (org). **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. 16°.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000. p. 51-66.
- SARAIVA, Maria do Carmo. **Co-educação física e esportes: quando a diferença é mito**. 2º Ed. Ijuí: Unijuí, 2005.
- SCOTT, Joan. **Gênero: uma categoria útil para análise histórica**. New York, Columbia University Press. 1989.
- UNESC, Universidade do extremo sul catarinense. **Projeto pedagógico do curso de Educação Física-licenciatura**. Criciúma SC, 2014.
- VEIGA, Ilma Passos Alencastro. **Projeto político-pedagógico da escola: uma construção coletiva**. 14.ed. Papirus, 2002.